



# Educação: Políticas, Estrutura e Organização 10

Gabriella Rossetti Ferreira  
(Organizadora)

 **Atena**  
Editora

Ano 2019



**Gabriella Rossetti Ferreira**

(Organizador)

# **Educação Políticas Estruturação e Organizações 10**

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Geraldo Alves

Revisão: Os autores

#### Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

E24 Educação [recurso eletrônico] : políticas, estrutura e organização 10 /  
Organizadora Gabriella Rossetti Ferreira. – Ponta Grossa (PR):  
Atena Editora, 2019. – (Educação: Políticas, Estrutura e  
Organização; v. 10)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-311-8

DOI 10.22533/at.ed.118190304

1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Currículo  
escolar – Brasil. 3. Educação – Pesquisa – Brasil. 4. Políticas  
educacionais. I. Ferreira, Gabriella Rossetti. II. Série.

CDD 370.1

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de  
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos  
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

A obra “Educação: Políticas, Estrutura e Organização – Parte 10” traz capítulos com diversos estudos que se completam na tarefa de contribuir, de forma profícua, para o leque de temas que envolvem o campo da educação.

A educação é uma atividade que se expressa de formas distintas, envolvendo processos que tem consequências nos alunos, possui métodos que precisam ser compreendidos; envolve o que se pretende, o que se transmite, os efeitos obtidos, agentes e elementos que determinam a atividade e o conteúdo (forças sociais, instituição escolar, ambiente e clima pedagógico, professores, materiais e outros) (SACRISTÁN, 2007).

O conceito de educação é inseparável do ente subjetivo que lhe dão atributos diferenciados. A educação é algo plural que não se dá de uma única forma, nem provém de um único modelo; ela não acontece apenas na escola, e às vezes a escola nem sempre é o melhor lugar para que ela ocorra. A escola deve estar pronta para atender a diversidade cultural, conduzindo a aceitação e o respeito pelo outro e pela diferença, pois se valoriza a ideia de que existem maneiras diversas de se ensinar e conseqüentemente diferentes formas de organização na escola, onde seja levado em consideração a complexidade da criação de um currículo que atenda o desafio de incorporar extensivamente o conhecimento acumulado pela herança cultural sem perder a densidade do processo de construção do conhecimento em cada indivíduo singular.

A escolaridade faz parte da realidade social e é uma dimensão essencial para caracterizar o passado, o presente e o futuro das sociedades, dos povos, dos países, das culturas e dos indivíduos. É assim que a escolarização se constitui em um projeto humanizador que reflete a perspectiva do progresso dos seres humanos e da sociedade.

Em uma escola democrática não há barreiras educacionais, eliminam-se a formação de grupos com base na capacidade dos alunos, provas preconceituosas e outras iniciativas que tantas vezes impedem o acesso e permanências de todos na escola, proporcionando um ensino de qualidade para todos, sem exclusão.

Gabriella Rossetti Ferreira

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
O TRATAMENTO DE CONTEÚDOS CONCEITUAIS PROCEDIMENTAIS E ATITUDINAIS A PARTIR DO JOGO MATEMÁTICO NO 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL	
<i>Maria Pâmella Azevedo Araújo</i> <i>Mônica Augusta dos Santos Neto</i> <i>Claudiene dos Santos</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1181903041</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>12</b>
O USO DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO PARA O LETRAMENTO INFORMACIONAL NO ENSINO MÉDIO	
<i>Lucas Vinícius Junqueira Cavache</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1181903042</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>24</b>
O USO DE UMA FERRAMENTA DIGITAL NO ENSINO APRENDIZAGEM DE MATEMÁTICA	
<i>Viviane Poersch Maldaner</i> <i>Ranaí Gonçalves Sangic</i> <i>Sonia Maria da Silva Junqueira</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1181903043</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>33</b>
O USO DO APLICATIVO SCRATCHJR: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM UMA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL	
<i>Waleria Lindoso Dantas Assis</i> <i>Tyciana Vasconcelos Batalha</i> <i>Josélia de Jesus Araujo Braga de Oliveira</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1181903044</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>41</b>
OFICINANDO SOBRE ESTRATÉGIAS DE ENSINAGEM: UM OLHAR PARA POSSIBILIDADES NO ENSINO DE BIOLOGIA	
<i>Francisco Bruno Silva Lobo</i> <i>Rayane de Tasso Moreira Ribeiro</i> <i>Lydia Dayanne Maia Pantoja</i> <i>Germana Costa Paixão</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1181903045</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>53</b>
OS DESAFIOS DOS DOCENTES EM MEIO A MERCANTILIZAÇÃO DO ENSINO	
<i>Amanda Raquel Medeiros Domingos</i> <i>Ervânia da Silva Marinho</i> <i>Maria Nazaré dos Santos Galdino</i> <i>Maria das Graças Miranda Ferreira da Silva</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1181903046</b>	

<b>CAPÍTULO 7 .....</b>	<b>65</b>
OS DESENHOS INFANTIS NAS PESQUISAS COM CRIANÇAS	
<i>Alexandra Nascimento de Andrade</i>	
<i>Carolina Brandão Gonçalves</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1181903047</b>	
<b>CAPÍTULO 8 .....</b>	<b>74</b>
OS PROJETOS DE LEITURA NA PROMOÇÃO DO LETRAMENTO LITERÁRIO: LER PARA SE LIBERTAR, NÃO PARA ALIENAR	
<i>Lucilene Gonçalves de Oliveira Lourenço</i>	
<i>Noemi Campos Freitas Vieira</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1181903048</b>	
<b>CAPÍTULO 9 .....</b>	<b>80</b>
EVASÃO E PERMANÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR NO INSTITUTO FEDERAL DE RONDÔNIA - CAMPUS PORTO VELHO ZONA NORTE	
<i>Danielli Vacari de Brum</i>	
<i>Danielly Eponina Santos Gamenha</i>	
<i>Maria Beatriz Souza Pereira</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1181903049</b>	
<b>CAPÍTULO 10 .....</b>	<b>93</b>
PARA ALÉM DO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO: A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA REVISTA DO ENSINO DA PARAÍBA	
<i>Vívia de Melo Silva</i>	
<i>Melânia Mendonça Rodrigues</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.11819030410</b>	
<b>CAPÍTULO 11 .....</b>	<b>107</b>
PARRESÍA E CUIDADO DE SI: O DILEMA FOUCAULTIANO DAS FORMAS DA VERDADE NA FORMAÇÃO CONTEMPORÂNEA	
<i>Filipe Kamargo de Santana</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.11819030411</b>	
<b>CAPÍTULO 12 .....</b>	<b>119</b>
PARTICIPAÇÃO DOS UNIVERSITÁRIOS DO NORTE E NORDESTE EM ATIVIDADES DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL	
<i>Winnie Gomes da Silva</i>	
<i>Antonio Roazzi</i>	
<i>Maria Inês Gasparetto Higuchi</i>	
<i>Aparecida da Silva Xavier Barros</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.11819030412</b>	
<b>CAPÍTULO 13 .....</b>	<b>129</b>
PATRIMÔNIO HISTÓRICO	
<i>Victor Hugo Silva Rodrigues</i>	
<i>Érika Santos Silva</i>	
<i>Arlinda Cantero Dorsa</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.11819030413</b>	

<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>138</b>
PEDAGOGIA DIFERENCIAL: QUALIDADE DO AMBIENTE PEDAGÓGICO PARA ESTUDANTES COM DESORDENS ESPECÍFICAS DE APRENDIZAGEM	
<i>Roseline Nascimento de Ardiles</i>	
<i>Roseane Nascimento da Silva</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.11819030414</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>153</b>
PERCALÇOS E DESAFIOS DA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA	
<i>Blanca Martín Salvago</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.11819030415</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>165</b>
PERCEPÇÃO AMBIENTAL DE ALUNOS DE DUAS ESCOLAS DO ENSINO PÚBLICO DE GOIÂNIA (GO)	
<i>Hugo Marques Cabral</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.11819030416</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>178</b>
PERFIL ALIMENTAR DOS ESCOLARES DAS SÉRIES INICIAIS DE UMA INSTITUIÇÃO PÚBLICA DE ENSINO	
<i>Dayane de Melo Barros</i>	
<i>Danielle Feijó de Moura</i>	
<i>Tamiris Alves Rocha</i>	
<i>Priscilla Gregorio de Oliveira Sousa</i>	
<i>Maria Heloisa Moura de Oliveira</i>	
<i>Gisele Priscilla de Barros Alves Silva</i>	
<i>José André Carneiro da Silva</i>	
<i>Roberta de Albuquerque Bento da Fonte</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.11819030417</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>184</b>
PERFIL DOCENTE NA REDE ESTADUAL DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL DA SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DE ENSINO DE LEOPOLDINA	
<i>Daniela Ferreira de Souza</i>	
<i>Beatriz Gonçalves Brasileiro</i>	
<i>Edivânia Maria Gourete Duarte</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.11819030418</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>195</b>
PERFIL DOS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS DO AGRESTE PERNAMBUCANO SOBRE O DESCARTE ADEQUADO/INADEQUADO DE MEDICAMENTOS	
<i>Juliana Thais da Silva Amaral</i>	
<i>Paloma Lourenço Silveira de Araújo</i>	
<i>Eduarda do Nascimento Serra Sêca</i>	
<i>Ana Paula Freitas da Silva</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.11819030419</b>	

<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>203</b>
PERSPECTIVANDO O APRENDER E ENSINAR MÚSICA: EXPERIENCIANDO E REFLETINDO DESDE O SUBPROJETO PIBID-MÚSICA DA UFRJ	
<i>Celso Garcia de Araújo Ramalho</i>	
<i>Anderson Carmo de Carvalho</i>	
<i>Camila Oliveira Querino</i>	
<i>Eliete Vasconcelos Gonçalves</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.11819030420</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>212</b>
PESCA PREDATÓRIA: ENTRE O CONFLITO DAS EXPERIÊNCIAS DE TRABALHO E OS PROCESSOS EDUCATIVOS	
<i>Gislane Damasceno Furtado</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.11819030421</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>223</b>
PESQUISA E MÉTODO: CAMINHOS QUE CONTRIBUEM PARA EMANCIPAÇÃO HUMANA	
<i>Adriana Vieira Lins</i>	
<i>Ciro Bezerra</i>	
<i>Daniella Meneses de Oliveira Arroxellas</i>	
<i>Claudio da Costa</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.11819030422</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>232</b>
PESQUISAS SOBRE CORPO E GÊNERO NAS REVISTAS DA ABEM	
<i>Cristina Rolim Wolffenbüttel</i>	
<i>Bruno Felix da Costa Almeida</i>	
<i>Daniele Isabel Ertel</i>	
<i>Diego Luis Faleiro Herencio</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.11819030423</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>243</b>
PIBID E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: A PERCEPÇÃO DOS BOLSISTAS DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA EM EVIDÊNCIA	
<i>Maria Judivanda da Cunha</i>	
<i>Bernardino Galdino de Senna Neto</i>	
<i>Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares</i>	
<i>Fábio Alexandre Araujo dos Santos</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.11819030424</b>	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>246</b>
PIBID TEATRO NA ESCOLA: REFLEXÕES SOBRE OS PROCESSOS COLETIVOS E COLABORATIVOS	
<i>Thais Santos de Souza</i>	
<i>Michele Louise Schiocchet</i>	
<i>Natália Faelize Lins de Avelar</i>	
<i>Gisele do Valle Nascimento</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.11819030425</b>	



<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>250</b>
PIPEX NA ZONA RURAL: AVALIAÇÃO DAS POSSIBILIDADES DE DESENVOLVIMENTO ATRAVÉS DO ENSINO DE CIÊNCIAS NA PERSPECTIVA DE HENRI WALLON	
<i>Rodrigo Emanuel Celestino dos Santos</i> <i>Raquel Cordeiro Nogueira Lima</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.11819030426</b>	
<b>CAPÍTULO 27</b> .....	<b>260</b>
PLANEJAMENTO E AVALIAÇÃO NA EAD: ESTUDO DE CASO DO CURSO TÉCNICO EM SERVIÇOS PÚBLICOS DO CETAM-EAD/E-TEC NO MUNICÍPIO DE PARINTINS	
<i>Márcio Pires Fonseca</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.11819030427</b>	
<b>CAPÍTULO 28</b> .....	<b>271</b>
PLANEJAMENTO INTERDISCIPLINAR NA MODALIDADE DE ENSINO A DISTÂNCIA NO IFRR: DIMENSÕES PRÁTICAS DE PROCESSO EM CONSTRUÇÃO	
<i>Maria Betânia Gomes Grisi</i> <i>Maria de Fátima Freire de Araújo</i> <i>Clecia Cristina da Silva Souza</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.11819030428</b>	
<b>CAPÍTULO 29</b> .....	<b>283</b>
PLANEJAMENTO, ORGANIZAÇÃO E ESTRUTURAÇÃO DE WEBCONFERÊNCIA: ELEMENTO MEDIADOR DO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA	
<i>Renato Luiz Vieira de Carvalho</i> <i>Williana Carla Silva Alves</i> <i>Grazianny Santiago Amorim Araújo</i> <i>Roselito Delmiro da Silva</i> <i>José de Lima Albuquerque</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.11819030429</b>	
<b>CAPÍTULO 30</b> .....	<b>291</b>
POBREZA E DESIGUALDADE SOCIAL: O QUE PENSAM CRIANÇAS DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	
<i>Jéssyka Souza Costa</i> <i>Sonia Bessa</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.11819030430</b>	
<b>CAPÍTULO 31</b> .....	<b>307</b>
POLIFONIA DO DISCURSO EM SALA DE AULA: O IMPACTO DAS AULAS ORGÂNICAS	
<i>Alexandre Robson Martines</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.11819030431</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>320</b>

## PERCEPÇÃO AMBIENTAL DE ALUNOS DE DUAS ESCOLAS DO ENSINO PÚBLICO DE GOIÂNIA (GO)

**Hugo Marques Cabral**

Instituto de Pós-Graduação e Graduação  
Goiânia - Goiás

**RESUMO:** As questões ambientais têm acumulado certa atenção e se tornou, em tese, um assunto bastante difundido nos diferentes níveis de ensino, principalmente, por meio da educação. Para tanto, a Educação Ambiental (EA) é considerada como uma alternativa para conscientizar a população. Portanto, o presente estudo buscou investigar o aprendizado e a compreensão do alunado de ensino fundamental em escolas públicas sobre a temática ambiental, através de sua percepção do meio ambiente. A coleta de dados ocorreu através da aplicação de questionário, o qual possuía questões objetivas, aos 152 discentes do ensino fundamental de duas escolas públicas de Goiânia-GO. Os resultados sugerem que a percepção dos alunos destas escolas sobre o meio ambiente apresenta-se como positiva e que aponta a escola como uma fonte vital de conhecimento em prol de um meio ambiente de qualidade. Conclui-se, então, que os alunos compreendem sobre meio ambiente e são instruídos pelos professores sobre o tema.

**PALAVRAS-CHAVE:** Percepção Ambiental. Educação Ambiental. Ensino Fundamental.

**ABSTRACT:** In the last decades the environmental questions had received a biggest attention, becoming, in theory, an issue relatively widespread in the different levels of education, mainly, through education. Therefore, the Environmental Education (EE) it's considered as an alternative to aware the population. Consequently, this current study sought to check the learning and the comprehension of the natural environment. The data collection occurred through the questionnaire application, in which had objective questions, to the 152 learners of the basic education of two public schools in Goiânia-GO. The results suggest that the perception of this school's students about the natural environment present itself as positive and aim the school as a vital source of knowledge in order of a natural environment of quality. It is concluded, then, that the students understand about natural environment and are also instructed by the teachers about the subject.

**KEYWORDS:** Environmental Perception. Environmental Education. Elementary School.

### 1 | INTRODUÇÃO

A vida no planeta Terra perpassa historicamente pelo convívio entre os seres

vivos e o ambiente, isto é, a vida dos seres vivos têm sido modificada de acordo com o meio ambiente. Contudo, uma espécie em específico, o ser humano, conseguiu modificar essa relação (CARSON, 2010). E essa mudança conseguiu alterar o equilíbrio do planeta.

Assim, o mundo tem experimentado nas últimas décadas mudanças ambientais cada vez “mais extremas”, sendo estas relacionadas às atividades antrópicas (poluição dos recursos hídricos, degradação do solo, uso de defensivos agrícolas além do recomendável, dentre outras inúmeras formas de degradação (OLIVEIRA; NASCIMENTO; CHAVES, 2006). Portanto, a sociedade tem compreendido essa relação (sociedade e meio ambiente) como um desafio/tema a ser discutido e, conseqüentemente, tem articulado diferentes grupos, com diferentes níveis de ensino, por meio da educação.

A educação, posteriormente reconhecida enquanto educação ambiental (EA), tem sido apontada como um meio para conscientizar/sensibilizar a população como um todo. Neste sentido, as crianças se tornam importantes aliadas a fim de minimizar os impactos ambientais, tal como Patrick Guedes, reconhecido como o pai da EA, cita: “uma criança em contato com a realidade do seu ambiente não só aprenderia melhor, mas também desenvolveria atitudes criativas em relação ao mundo em sua volta” (DIAS, 2004). Portanto, as crianças são de suma importância no que tange à luta contra o aumento dos impactos ambientais.

Nas últimas décadas, especialmente após o alerta de Rachel Carson com o livro “Silent Spring” ou “Primavera Silenciosa” em tradução para o português, em 1962, ocorreram inúmeras discussões pelo mundo e englobou vários setores, tais como: os sociopolíticos e econômicos (DIAS, 2004; CARSON, 2010), a fim de debater a relação sociedade e meio ambiente.

Atualmente, há diversas metodologias para auxiliar no processo de reversão dos impactos ambientais, dentre os quais está a presença da EA, sendo esta uma ferramenta ímpar em prol do meio ambiente e até mesmo obrigatório, conforme as leis brasileiras, tal como disposto na lei 9.795/99 “[...] a educação ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal”. Portanto, deve ocorrer em todos os setores, apesar de não ser tratado de forma ampla, conforme é apontado por Silva e Cabral (2016) em que tratam que determinada Instituição de Ensino que a EA não é difundida em seus cursos de Licenciatura de maneira ampla, mesmo havendo eventos na mesma relacionados à questão ambiental.

Cabe salientar que além da EA, a Percepção Ambiental também é considerada uma ferramenta em prol do meio ambiente, além de auxiliar buscar estreitar os laços entre o ser humano e a natureza, ou seja, ambas são aliadas para assegurar, de certo modo, melhor qualidade de vida para a humanidade e o despertar da responsabilidade/sensibilizar os indivíduos em relação ao meio ambiente (VILLAR *et al.*, 2008). Entretanto,

sugere-se que diversos fatores influenciam na forma dos indivíduos perceberem o meio ambiente, independente de idade.

Marin (2003) afirma que perceber algo está intimamente relacionado com alguns fatores, tais como: cultura, tempo e espaço, além das experiências adquiridas ao longo da vida por cada indivíduo. Além disso, outros autores sugerem que a percepção de um indivíduo pode variar de acordo com a personalidade, as expectativas, a idade e o seu nível de escolaridade (ROOKES; WILLSON, 2000). Mas, em tese, indivíduos com um maior grau de conhecimento (escolaridade) podem não priorizar o ambiente em que vivem, ao contrário de indivíduos considerados pela sociedade como analfabetos, em parte, porque conheceram o ambiente antes de ser degradado e criaram um sentimento de pertença pelo mesmo.

Então, percepção ambiental é o ato de um indivíduo perceber o ambiente onde está inserido e aprender a protegê-lo (SUESS; BEZERRA; CARVALHO SOBRINHO, 2013). Sobre isso, cabe citar o pensamento de Villar *et al.* (2008) que afirmam que deve-se permanecer um certo tempo em uma determinada região, a ser percebida, para que o indivíduo apresente sentimentos pela mesma e, conseqüentemente, busque a sua proteção.

Desta forma, com as questões ambientais cada dia mais em evidência, o presente estudo busca investigar o aprendizado e a compreensão do alunado de ensino fundamental (8º e 9º anos) em duas escolas públicas sobre a temática ambiental, através de sua percepção sobre o meio ambiente.

## 2 | METODOLOGIA

### 2.1 Tipo de pesquisa

A pesquisa foi considerada como descritiva, pois conforme Cervo e Bervian (2002) “trata-se do estudo e da descrição das características, propriedades ou relações existentes na comunidade, grupo ou realidade pesquisada” e exploratória, pois “[...] realiza descrições precisas da situação e quer descobrir as relações existentes entre os elementos componentes da mesma” (CERVO; BERVIAN, 2002).

Os dados adquiridos foram de ordem qualitativa quanto à natureza, sendo este tipo de pesquisa utilizado para verificar questões pontuais, ou seja, considera o contato com a população do estudo e as demais informações subjetivas as pesquisas qualitativas altamente recomendados como forma de verificar questões pontuais, pois, considera-se que há o contato direto com a população pesquisada e oferecer informações subjetivas (valores e percepções) (GOLÇALVES; MEIRELLES, 2004; ANDRADE *et al.*, 2011).



## 2.2 Local e público alvo da pesquisa

O município de Goiânia-GO, apresenta 732,802 km<sup>2</sup> e em torno de 1,3 milhão de habitantes (IBGE, 2012). Ainda segundo o IBGE (2012), aproximadamente 111 mil alunos estão matriculados em escolas municipais e estaduais na cidade de Goiânia. E onde se estabelece a Escola Municipal Jesuína de Abreu (EMJA) e o Instituto de Educação de Goiás (IEG).

Compuseram como parte da pesquisa, os 152 alunos do ensino fundamental, na segunda fase (ensino fundamental II), do 8º e 9º anos da EMJA e do IEG. Os quais estavam presentes (em sala) no dia da aplicação do questionário e aceitaram participar da pesquisa.

## 2.3 Coleta e análise dos dados

Os dados foram coletados por meio de aplicação de questionário, que conforme Ludwig (2009) “é um instrumento de coleta de dados a ser preenchido por determinados informantes”. O mesmo consistia em 16 perguntas fechadas relacionadas a meio ambiente/percepção ambiental. Em seguida, os dados foram apurados e depurados por meio do programa Excel 2007 e expressos por meio de gráficos/tabelas.

## 3 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados mostram que 51% dos alunos da EMJA são do sexo masculino, enquanto que 49% são do sexo feminino. Por outro lado, no IEG há mais indivíduos do sexo feminino do que os do masculino, 71% e 29%, respectivamente.

A faixa etária dos alunos do IEG apresentou certa variação, sendo que em uma mesma sala há alunos com idade entre 12 e 17 (8º Ano) e entre 14 e 19 (9º Ano), conforme a tabela 1. O que, de certo modo, pode criar possíveis conflitos dentro do contexto da sala de aula.

Idade (anos)	IEG				EMJA			
	8º Ano		9º Ano		8º Ano		9º Ano	
	n	%	n	%	n	%	n	%
12	03	06	-	-	-	-	-	-
13	19	36	-	-	25	52	-	-
14	19	36	03	18	17	35	16	31
15	07	13	09	53	06	13	18	33
16	03	06	04	23	-	-	01	36
17	01	03	-	-	-	-	-	-
19	-	-	01	06	-	-	-	-
<b>TOTAL</b>	52		17		48		35	

Tabela 1. Idade dos alunos por escola

A primeira questão buscava verificar como o alunado definiria meio ambiente. Neste contexto, cabe ressaltar que a maior parte dos pesquisados, afirmaram que o ser humano faz, sim, parte do contexto do meio ambiente (Tabela 2), o que contraria, de certo modo, do resultado encontrado por Oliveira *et al.* (2013) que informaram que apenas uma pequena parte dos alunos raramente interpretam-se como parte integrante do meio ambiente, mas, na verdade, consideram-se como exploradores deste.

Outras pesquisas, mas voltadas para alunos do ensino médio, apontam que a maior parte dos alunos exclui os seres humanos como parte integrante do meio ambiente, mas, em tese, consideram-se como observador ou explorador (CASTOLDI; BERNARDI; POLINARSKI, 2009; OLIVEIRA *et al.*, 2013).

Nesta mesma linha de raciocínio, Malafaia e Rodrigues (2009) também encontraram resultado semelhante com os autores citados anteriormente, o que contraria mais uma vez o resultado encontrado nesta pesquisa, pois conforme os autores os alunos pesquisados não contemplam parte do meio ambiente, mas, na realidade, compreendem uma supervalorização da natureza quando comparado ao ser humano. E, apesar das diferentes interpretações encontradas nas diferentes pesquisas, Campos *et al.* (2012) afirmam que a percepção do natural sem contextualizar o ser humano à natureza caminha justamente o caminho inverso das sociedades sustentáveis.

Cabe frisar, também, o pensamento de Tuan (2012, p.116) que trata que “o meio ambiente natural e a visão do mundo estão estreitamente ligadas: a visão do mundo, se não é derivada de uma cultura estranha, necessariamente é construída dos elementos conspícuos do ambiente social e físico de um povo”.

Alternativas	Quantidade (%)
Lugar onde animais, plantas e o ser humano vivem e se relacionam	67
Natureza	23
Onde os animais e plantas vivem	07
Onde o ser humano vive	03

Tabela 2. Definição de Meio Ambiente na visão dos alunos

Fonte: Levantamento de dados da pesquisa Percepção ambiental de alunos do ensino fundamental de duas escolas públicas de Goiânia, Goiás (2015).

A questão seguinte questionava em que lugar os discentes conseguem informação sobre o meio ambiente em geral (Tabela 3). Nesse contexto, os alunos indagaram que adquirem mais informação sobre meio ambiente através da escola, seguido pela televisão e internet, o que, de certo modo, contraria o resultado de Barreto e Cunha (2016) e Oliveira *et al.* (2013), pois encontraram que a televisão é a principal fonte utilizada para a aquisição de informações sobre o meio ambiente.

A pesquisa constatou um ponto importante, pois, apesar da quantidade de informação difundida pelos meios de comunicação atualmente, as escolas se mostraram mais importante na percepção dos alunos.

Alternativas	Quantidade (%)
Escola	35
Televisão	34
Internet	24
Jornal	06
Revista	01

Tabela 3. Aquisição de informações sobre o Meio Ambiente pelos discentes

Fonte: Levantamento de dados da pesquisa Percepção ambiental de alunos do ensino fundamental de duas escolas públicas de Goiânia, Goiás (2015)

A tabela 4 mostra diversas perguntas em que os alunos deveriam marcar sim ou não. A primeira delas questionava o aluno em relação ao fato do mesmo gostar ou não de estudar assuntos relacionado ao meio ambiente. Grande parte dos alunos afirmaram gostar de estudar sobre o meio ambiente. Nesta linha de raciocínio, a maioria dos alunos declararam ser preocupados com as questões ambientais. Contudo, apenas aproximadamente metade destes relataram ter participado de trabalhos de EA, sendo esta de vital importância para sensibilizar e conscientizar os alunos em prol da defesa do meio ambiente. Machado *et al.* (2013) relataram em sua pesquisa que os amostrados consideraram a EA como sendo importante. Esta pesquisa corroborou, de certo modo, com o estudo de Silva (2013) que encontrou que a maior parte dos entrevistados não participaram de atividades de EA (projetos escolares, palestras).

Questão	Sim		Não	
	n	%	n	%
Você gosta de estudar assuntos relacionados ao meio ambiente?	118	78%	34	22%
Você se considera uma pessoa preocupada com as questões ambientais?	111	73%	41	27%
Você participa ou já participou de trabalhos de EA?	78	51%	74	49%
Você estaria disposto a viver em um ambiente com problemas ambientais se recebesse um certo valor financeiro por mês?	26	17%	126	83%
Você estaria disposto a pagar mais por um material se esse causasse um menor dano ao meio ambiente?	107	70%	45	30%

Tabela 4. Questões respondidas pelos alunos das escolas públicas pesquisadas

Fonte: Levantamento de dados da pesquisa Percepção ambiental de alunos do ensino fundamental de duas escolas públicas de Goiânia, Goiás (2015)

Com o intuito de averiguar se os pesquisados possuem um pensamento voltado para a proteção ambiental ou não, os alunos foram questionados sobre a disposição destes em viver em um ambiente com problemas ambientais desde que recebessem

algum retorno financeiro em troca, 83% dos alunos afirmaram que não aceitariam. Assim, esta pesquisa corrobora, em certa medida, com a pesquisa, em nível de graduação, de Anjos e Guedes (2009), que afirmaram que 53% dos participantes da pesquisa não estariam disposto a viver em um bairro poluído, mesmo que houvesse um aumento na taxa de emprego. Logo, percebe-se que o pensamento da natureza como fonte, talvez, inesgotável de recursos materiais ainda incide sobre a população. Sobre isso, cabe ressaltar que as discussões sobre o meio ambiente deve estar intrínseco ao cotidiano social, pois, nota-se que ainda há indivíduos que pensam que não pode ocorrer crescimento socioeconômico sem degradar o meio ambiente (ANJOS; GUEDES, 2009).

Outro ponto importante a ser ressaltado é o posicionamento dos alunos em relação à utilização de produtos que causem um menor dano ao meio ambiente, mas que deveriam pagar mais para utilizá-los. A maior parte dos alunos (70%) indagaram que, sim, aceitariam pagar mais por um produto 'ecologicamente correto', mesmo que para isso haja um ônus. Corroborando com a pesquisa de Batalha (2013) em que 51% dos entrevistados aceitariam pagar esse ônus para receber produtos desta natureza. Seguindo essa linha de pensamento, encontra-se a pesquisa de Souza e Benevides (2005) apud Veiga Neto *et al.* (2013) que em uma pesquisa com estudantes, encontraram que 61,09% destes também aceitariam pagar mais por itens ecologicamente corretos.

Em seguida, verificou-se sobre o que os discentes consideram como mais importante na percepção deles (Tabela 5). Percebe-se que os alunos consideram todas as alternativas importantes, ou seja, tanto os animais, as plantas, as cidades, os seres humanos, são importantes para eles. Logo, compreende-se que esses alunos consideram o homem e os demais seres vivos como indivíduos representativos de um mesmo contexto, isto é, constata-se, novamente, que os alunos representam o homem, de certo modo, como parte do meio ambiente. Sendo este representado por água, solo, plantas e animais, conforme resultado encontrado por Campos *et al.* (2012) quando questionou os alunos sobre quais componentes podem ser sugeridos como parte do meio ambiente. Deste modo, esta pesquisa, em parte, corrobora com o resultado encontrado pelo autores, haja vista que associam as plantas e os animais como aspectos importantes para o meio ambiente.

Alternativas	Quantidade (%)
Todas as alternativas	72
Animais	19
Não sabe	05
Plantas	02
Cidades	01
Seres humanos	01

Tabela 5. O que é mais importante para os discentes

Fonte: Levantamento de dados da pesquisa Percepção ambiental de alunos



A tabela 6, questionava os discentes sobre quem possui a responsabilidade de manter a qualidade do meio ambiente. Apesar de muitos, normalmente, considerarem o governo como o grande causador dos problemas, os alunos (91%) apresentaram que toda a sociedade tem relevância na manutenção da qualidade do meio ambiente, seja ao cumprir as leis ambientais ou seguir as normas morais, tal como utilizar filtros para a redução de poluentes jogados na atmosfera e não jogar lixo na rua, respectivamente.

Oliveira *et al.* (2013) e Silva (2013) também encontraram resultado semelhante com o relatado nesta pesquisa, uma vez que questionaram os discentes sobre quem deveria ter a responsabilidade de resolver os problemas ambientais. Na pesquisa destes autores, 41,4% consideraram a comunidade unida como a principal responsável por resolver as questões ambientais e 83% afirmaram que cada pessoa deveria fazer a sua parte para resolver estes problemas, respectivamente, ou seja, ambas as pesquisas apontam que ambos os indivíduos devem apresentar certa responsabilidade sobre os problemas ambientais e, conseqüentemente, sobre a manutenção da qualidade ambiental.

<b>Alternativas</b>	<b>Quantidade (%)</b>
Toda a sociedade	91
Governo	07
Ninguém	02
Empresários (indústrias)	-

Tabela 6. Responsável por manter a qualidade do meio ambiente

Fonte: Levantamento de dados da pesquisa Percepção ambiental de alunos do ensino fundamental de duas escolas públicas de Goiânia, Goiás (2015).

A questão seguinte indagava sobre a reação dos discentes ao observar um conhecido ou desconhecido jogando lixo no rua. Essa questão causou certa contradição, pois não houve uma diferença muito grande, porém, muitos dos alunos (42%) responderam que reagiriam com indiferença, pois cada um tem a consciência do que faz (Tabela 7). Portanto, percebe-se que ao fazer um paralelo entre essa questão e a questão anterior, os alunos não estão colocando que é toda a sociedade quem deve cuidar do meio ambiente, mas, de algum modo, é cada um por si, já que afirmaram que todos possuem consciência de seus atos. Neste contexto, deve ser citado que quando se fala em meio ambiente ou na qualidade deste, não há que se pensar apenas em si, mas em um coletivo, pois, por exemplo, um rio poluído em uma cidade, pode contaminar outras cidades e gerar uma reação em cadeia e sendo assim, todos devem estar juntos em prol de um meio ambiente de qualidade.

Indiferente, pois cada um tem consciência do que faz	42
Reclamaria, pois é errado jogar lixo na rua	29
Incomodado, mas não falaria por vergonha	19
Indiferente, pois também joga lixo na rua	10

Tabela 7. Reação dos discentes ao ver um indivíduo jogando lixo na rua

Fonte: Levantamento de dados da pesquisa Percepção ambiental de alunos do ensino fundamental de duas escolas públicas de Goiânia, Goiás (2015)

A tabela 8, questionava os discentes sobre alguns posicionamentos. O primeiro, verificava se algum professor da escola fala sobre meio ambiente em sala de aula. Do total, 84% afirmaram que sim, isto é, os professores em geral tratam sobre a temática em sala de aula. Apesar disso, ao que parece, ainda há alunos que não compreenderam ou não estavam preocupados quando o professor indagava sobre meio ambiente, pois 16% afirmaram que não tiveram conteúdos sobre o tema (meio ambiente). Resultado este que contraria, de certo modo, outros autores que pesquisaram sobre a temática no ensino superior e afirmam que 43% dos professores reafirmam não discutir sobre o tema em sala e 58% dos alunos alegaram que não discutiram sobre o tema durante o curso (GUIMARÃES; INFORSATO, 2012). Considerando a importância do tema, ressalta-se a relevância em se discutir os temas, principalmente, quando se trata dos primeiros anos do ensino.

De algum modo, a questão seguinte complementa a questão anterior, pois, compreende-se que ao falar de meio ambiente o professor pode citar sobre a coleta seletiva, porém, não é o que acontece, haja vista que 85% afirmaram que sua escola não possui coleta seletiva. Este assunto se mostra relevante, pois, conforme relato de Silva (2014) há alunos que entendem que por jogarem o lixo cotidiano no lixo já configura como sendo um processo de coleta seletiva, sem entender que há a necessidade de separar os diferentes tipos de lixo para ser reciclados, ou seja, como o próprio nome sugere a coleta é seletiva, logo depende da uma seleção dos diferentes elementos para que em seguida possam receber tratamento adequado e reutilizado (reciclado).

Cabe ressaltar a importância da EA nas escolas, uma vez que é sugerida como uma maneira de ajudar na conscientização dos alunos (futuros ‘gestores do meio ambiente’). Sobre isso, foi averiguado a percepção dos alunos em relação à implantação de projetos de EA na escola e se poderia gerar resultados positivos ao meio ambiente. Do total de pesquisados, 84% afirmaram que sim. Logo, os alunos acreditam que seria relevante projetos de EA na escola, em grande parte, deve-se, provavelmente, pois apenas cerca de metade dos alunos já participaram de algum tipo de programa/ projeto de EA, o que pode instigar os alunos a busca por conhecimento sobre o tema. Cabe ressaltar, que a escola é vital para a resolução dos problemas, haja vista que os professores auxiliam os alunos a ter o conhecimento e fazer sua parte, tal como evitar

o consumos desnecessários, dentre outros (SILVA, 2013).

Contudo, podem haver diversos problemas para se implantar projetos de EA, dentre estes pode-se citar a falta de vontade dos professores e da diretoria em prol de um projeto ambiental que poderia mudar a rotina dos estudantes (MACHADO *et al.*, 2013). Fato esse que mostra o desinteresse no (ANJOS; GUEDES, 2009).

Questão	Sim		Não	
	n	%	n	%
De modo geral, os professores falam sobre meio ambiente em sala de aula?	127	84%	25	16%
A sua escola possui coleta seletiva?	23	15%	129	85%
Você acredita que a implantação de projeto de EA em sua escola pode gerar resultados positivos no meio ambiente?	127	84%	25	16%
Você acha que o nível de poluição de sua cidade pode estar afetando a saúde e a qualidade de vida da população?	140	92%	12	08%

Tabela 8. Questões respondidas pelos alunos das escolas públicas pesquisadas

Fonte: Levantamento de dados da pesquisa Percepção ambiental de alunos do ensino fundamental de duas escolas públicas de Goiânia, Goiás (2015).

A Tabela 9 mostra as respostas da próxima questão que verificava com os discente sobre a sua percepção em relação a como a qualidade do meio ambiente pode ser expressa. Deve-se citar que cada um pode ter uma leitura diferente do que representa 'qualidade'. Constatou-se que 77% dos indivíduos afirma que a qualidade do meio ambiente é expressa através de todas as alternativas, ou seja, é por meio da limpeza das ruas e casas, presença de corpo d'água, sem ruído e presença de vegetação natural. Assim, compreende-se que

[...] discutir qualidade ambiental constitui objeto de bastante relevância haja vista a importância do termo para o século XXI que entra em cena aliando um forte incremento demográfico a uma sociedade de consumo exacerbado, onde a degradação ambiental ganha escopo como uma das mais graves consequências do atual sistema econômico mundial (GOMES; SOARES, 2004).

Alternativas	Quantidade (%)
Todas as alternativas	77
Limpeza das ruas e casas	13
Vegetação natural	06
Sem ruído (poluição sonora)	01
Presença de corpo d'água	03

Tabela 9. Como a qualidade do meio ambiente pode ser expressa

Fonte: Levantamento de dados da pesquisa Percepção ambiental de alunos do ensino fundamental de duas escolas públicas de Goiânia, Goiás (2015).

Conforme pode-se perceber pelos resultados encontrados, a percepção é algo

individual e que pode variar por diversos motivos. Além disso, a percepção ambiental consegue atribuir importância para vários temas, tal como o meio ambiente (MACEDO, 2000). Sobre isso, Tuan (2012) relata que

Para compreender a preferência ambiental de uma pessoa, necessitaríamos examinar sua herança biológica, criação, educação, trabalho e os arredores físicos. No nível de atitudes e preferências do grupo, é necessário conhecer a história cultural e a experiência de um grupo no contexto de seu ambiente físico [...].

Logo, o que o aluno apreende é resultado da soma de diversos fatores, sejam estes internos ou externos, dentre eles a escola pode ser sugerida como uma das principais, visto que o aluno passa grande parte de seu tempo nas diferentes instituições de ensino, principalmente, alunos do ensino fundamental (estão amadurecendo, buscando conhecimento). Sobre isso, Vernon (1974) relata que

[...] a informação raramente deriva apenas de percepções instantâneas que se apagam imediatamente na consciência; o contrário, as impressões se prolongam pelo menos por um curto período na imagem primária da memória. Isso permite a continuidade em nossa percepção do ambiente e também facilita a utilização de lembranças de experiências anteriores e a aplicação de raciocínio e julgamento na avaliação de acontecimentos, antes de reagir ou decidir como agir.

Portanto, cada indivíduo compreende e percebe o meio ambiente de uma maneira própria, sendo esta de grande relevância para a conservação do meio ambiente, haja vista que por meio desta que surgem os projetos para a realização de trabalhos de EA e, conseqüentemente, para minimizar/reverter o processo de degradação ambiental (OLIVEIRA *et al.*, 2013). Isto é, a EA surge após um processo de conhecimento dos indivíduos, por meio da percepção ambiental, dando prosseguimento à trabalhos específicos para cada local, seja este um bairro, uma empresa e até mesmo uma escola.

#### 4 | CONCLUSÃO

Apesar dos constantes problemas provocados pela, não tão atual, crise ambiental, diversos indivíduos (pesquisadores ou não) têm procurado uma maneira efetiva de gerir o meio ambiente. Assim, a percepção ambiental é uma maneira de aprimorar os processos de Educação Ambiental e, conseqüentemente, auxiliar a melhorar e equilibrar a qualidade do meio ambiente, através da conscientização/sensibilização dos indivíduos, principalmente, os mais jovens.

Apesar disso, deve-se entender que a sociedade, como um todo, deve estar envolvida nestes trabalhos, pois só assim será possível reverter/minimizar os impactos ambientais de forma eficiente. Sendo assim, percebe-se a importância da escola, em especial, do professor para que os alunos apreendam a importância do meio ambiente e permita fazer parte deste contexto.



Desse modo, os resultados sugerem que a percepção dos alunos destas escolas sobre o meio ambiente apresenta-se como positiva e que a escola é uma fonte vital de conhecimento, que os professores instruem os alunos e que os alunos percebem as degradações a que o meio ambiente é submetido, mas que é possível reverter este fato.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, E. M. et al. **A visão dos profissionais de saúde em relação à violência doméstica contra crianças e adolescentes: um estudo qualitativo**. Saúde e Sociedade, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 147-155, 2011.
- ANJOS, G.; GUEDES, E. B. **Percepção ambiental dos estudantes do curso de graduação em administração: um estudo de caso**. Qualitas Revista Eletrônica, v. 8, n. 1, 2009.
- BARRETO, L. M.; CUNHA, J. S. **Concepções de meio ambiente e Educação Ambiental por alunos do ensino fundamental em Cruz das Almas (BA): um estudo de caso**. Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA), v. 11, n. 1, p. 315-326, 2016.
- BATALHA, M. A. R. **Gestão ambiental e sustentabilidade: uma nova realidade empresaria**. In: ciência, p. 22-29, dez., 2013.
- BRASIL. **INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE)**. 2012. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 21 out. 2015.
- BRASIL. **Lei nº 9.795**, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF. DOU, 28 abr. 1999.
- CAMPOS, M. C. C. et al. **Percepção ambiental: experiência em escolas de ensino fundamental em Humaitá (AM)**. Ambiência, v. 8, n. 1, p. 35-46, jan./abr. 2012.
- CARSON, R. **Primavera silenciosa**. [traduzido por Claudia Sant'Anna Martins]. 1. ed., São Paulo: Gaia, 2010. 327 p.
- CASTOLDI, R.; BERNARDI, R.; POLINARSKI, C. A. **Percepção dos problemas ambientais por alunos do ensino médio**. Revista Brasileira de Ciência, Tecnologia e Sociedade, v. 1, n. 1, p. 56-80, 2009.
- CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 241p., 2002.
- DIAS, G. F. **Educação ambiental: Princípios e práticas**. 9. ed. São Paulo: Gaia, 2004. 551 p.
- GOMES, M. A. S.; SOARES, B. R. **Reflexões sobre qualidade ambiental urbana**. Estudos Geográficos, Rio Claro, SP, v. 2, n. 2, p. 21-30, 2004.
- GONÇALVES, C. A.; MEIRELLES, A. de M. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2004. 199p.
- GUIMARÃES, S. S. M. INFORSATO, E. do C. **A percepção do professor de Biologia e a sua formação: a Educação Ambiental em questão**. Ciência & Educação, Bauru, v. 18, n. 3, p. 737-754, 2012.

- HOEFFEL, J. L. *et. al.* **Concepções sobre a Natureza e Sustentabilidade: Um Estudo sobre Percepção Ambiental na Bacia Hidrográfica do Rio Atibainha – Nazaré Paulista/SP.** In: Anais. II ENCONTRO DA ANPPAS 26 a 29 de maio de 2004, Indaiatuba, São Paulo, 2004.
- LUDWIG, A. C. W. **Fundamentos e prática de metodologia científica.** 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes. 2012.
- MACEDO, R. L. G. **Percepção e conscientização ambiental.** Lavras, MG: Editora UFLA/FAEPE, 2000. 132p.
- MACHADO, M. M. *et al.* **Educação Ambiental na escola pública Unidade Integrada Governador Matos Carvalho, São Luis (MA): um estudo de caso.** Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA), v. 8, n. 2, p. 20-30, 2014.
- MALAFAIA, G.; LIMA R., A. S. **Percepção ambiental de jovens e adultos de uma escola municipal de ensino fundamental.** Revista Brasileira de Biociências, v. 7, n. 3, p. 266-274, jul./set. 2009.
- MARIN, A. A. **Percepção Ambiental e Imaginário dos moradores do município de Jardim/MS.** 2003. 317 f. Tese de Doutorado em Ecologia e Recursos Naturais, Universidade Federal de São Carlos, São Paulo. 2003.
- OLIVEIRA, J. C. *et. al.* **Percepção dos alunos de ensino médio sobre Educação Ambiental em Tefé (AM).** Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA), v. 8, n. 1, p. 130-138, 2014.
- OLIVEIRA, A. F.; NASCIMENTO, C. G.; CHAVES, S. I. **CIDADES SUSTENTÁVEIS políticas públicas para o desenvolvimento.** Goiânia : Editora da UCG, 2006. 200p.
- RODRIGUES, V. C.; JARDIM NETO, Á. C. **A gestão ambiental e sua importância nas organizações.** Omnia Humanas, v. 3, n. 1, p.54-64, jan/jun, 2010.
- ROOKES, P.; WILLSON, J. **Perception: Theory, development and organisation.** Psychology press, 2000.
- SILVA, L. J. C. **Estudo da percepção ambiental dos alunos do ensino médio no Colégio Estadual Manoel de Jesus em Simões Filho, BA.** 2013. 66 f. Monografia de Pós Graduação em Gestão Ambiental, Polo UAB, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR.
- SILVA, G. C. **Coleta seletiva e percepção ambiental em alunos do ensino fundamental no município de Monteiro Lobato - SP.** 2014. 54 f. Monografia de Pós Graduação em Ensino em Ciência. Polo UAB, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR.
- SUESS, R. C.; BEZERRA, R. G.; DE CARVALHO SOBRINHO, H. **Percepção ambiental de diferentes atores sociais sobre o lago do abreu em Formosa-GO.** HOLOS, ano 29, v. 6, p. 241-258, 2013.
- TUAN, YI-FU. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** Londrina: Eduel. 2012.
- VEIGA NETO, A. R. *et al.* **Fatores determinantes do interesse em questões ambientais entre consumidores da geração Z.** Global Manager, v. 13, n. 1, p. 108-127, 2013.
- VILLAR, L. M. *et al.* **A percepção ambiental entre os habitantes da região noroeste do estado do Rio de Janeiro.** Escola Anna Nery Revista de Enfermagem. v. 12, n. 3, p. 537-543, set. 2008.

## **SOBRE A ORGANIZADORA**

### **Gabriella Rossetti Ferreira**

Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Educação Escolar da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil. Mestra em Educação Sexual pela Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil. Realizou parte da pesquisa do mestrado no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa (IEUL). Especialista em Psicopedagogia pela UNIGRAN – Centro Universitário da Grande Dourados - Polo Ribeirão Preto. Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil. Agência de Fomento: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. Atua e desenvolve pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade, Formação de professores, Tecnologias na Educação, Psicopedagogia, Psicologia do desenvolvimento sócio afetivo e implicações na aprendizagem. Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/0921188314911244>

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-311-8

